



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maelcel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
(Um moç 405 (50 reis); Semestre 530 (300 reis); Um ano 860 (600 reis)
Para fora do país cresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 737

A proposito dum desejo

Escreve-me um amigo que o *Popolo d'Italia*, falando da minha opinião sobre a situação actual e sobre a conduta a seguir pelos revolucionários, me acha em contradição comigo próprio, pois que se é certo, como eu penso, que a derrota da Alemanha poderia fazer estalar a revolução naquele país, torna-se evidente o dever para os revolucionários de contribuírem para realizar essa derrota.

A revolução na Alemanha poderia fazer face aos tristes efeitos que, de outro modo resultarão da guerra, seja qual for a nação vitoriosa, e determinar uma mudança radical em toda a constituição politico-social da Europa; e esta revolução não se afigura possível senão no caso duma derrota retumbante do império alemão. Ora, pelo que sei da situação e estado de alma actuals na Inglaterra e na França, parece-me que a derrota destes países, bem longe de provocar um movimento revolucionário, não faria mais do que aumentar a febre patriótica e secundar as manobras dos reaccionários e dos militaristas. Eis porque desejo a derrota da Alemanha.

Mas não está averiguado que seja sempre útil cooperar na determinação do que porventura se deseja, pois muitas vezes uma coisa só vale com a condição de nada custar ou de custar quando muito, material e moralmente, menos do que o seu valor.

Certamente, nada na natureza e na história é absolutamente equivalente e cada acontecimento pode actuar pró ou contra os fins que temos em vista. Assim tem cada um que fazer em cada circunstância uma escolha, um voto, sem que para isso seja sempre obrigado a abandonar o seu próprio caminho e a pôr-se a favorecer tudo o que julga poder indirectamente ser útil. Podemos, por exemplo, desejar ver chegar ao poder um ministério em vez de outro—um ministério de reaccionários imbecis e cegos, em vez de outro composto de homens inteligentes mais hábeis em iludir e enganar os trabalhadores. Mas de que nos serviriam a insuficiência e a cegueira dum ministério, se para o manter no poder fôsse preciso tornarmos-nos nós próprios defensores do governo?

A brutalidade da policia pode, em certos casos, provocar uma insurreição libertadora, mas unicamente se o espirito público está habituado a resistir ás violências da autoridade.

O desenvolvimento do sistema capitalista pode, num certo sentido, servir os fins de emancipação do proletariado; mas se os proletários se põem a secundar os esforços dos capitalistas, acabam por perder a consciência da sua situação e dos seus interesses e tornam-se incapazes de se emancipar, como no-lo demonstra a história de certas organizações operárias na Inglaterra e noutra parte.

E poderiam multiplicar-se os exemplos.

Para fazer a revolução e sobretudo para proceder de modo que ela se não resuma numa explosão de violência sem resultado, são precisos revolucionários; e se estes começam por pôr de lado as suas ideias e os interesses bem especiaes que lhes representam, e se solidarizam com a causa das classes dominantes do seu país, consumindo-se para as ajudar a vencer, não só renunciam a tirar proveito das situações revolucionárias susceptíveis de se produzir durante ou immediatamente após a guerra, mas dão mostras de considerar, elles próprios, como utópico e absurdo o programa que preconiza-

vam antes e fecham a si mesmo o caminho para qualquer acção eficaz futura.

Há individuos, ainda afeiçoados aos velhos preconceitos de raça e de nacionalidade, dispostos a sacrificar todas as mais altas idealidades pela prazer de saber que um país é oprimido e despojado por homens que falam a sua própria língua em vez de o ser por homens que falem outra lingua; e esses individuos tem razão em apoiar os interesses de um ou outro governo, se julgam assim servir as suas aspirações.

Mas para os que acima de tudo colocam a causa da liberdade, da justiça e da fraternidade humana, não pode haver dúvida. No meio do desencadeamento das mais ferozes paixões, quando as massas ignorantes são arrastadas pelas perversas sugestões das classes privilegiadas para que os irmãos se matem entre si, devem mais do que nunca invocar a paz entre os oprimidos e a guerra aos opressores e recusar qualquer accordo, qualquer submissão aos seus adversários.

E isso é verdadeiro para os republicanos, os quais nunca e de modo algum deveriam seguir a monarquia ou incitá-la a fazer o que elles consideram um bem, para que ella assim adquira nova força e novo prestígio. E' ainda mais verdadeiro para os socialistas, os quais reconhecem em cada país a existência de duas classes, duas «nações», uma submetida á outra, que são ou que é preciso tornar irreconciliavelmente hostis. Mas é ainda mais verdadeira para os anarquistas, que querem destruir todas as espécies de regimes autoritários e de preconceitos e realisar a fraternidade de todos os seres humanos na liberdade e na solidariedade.

A minha esperança duma revolução na Alemanha não passa aliás... duma esperança tanto menos segura quanto é certo que os socialistas alemães, com a ideia de salvar a civilização europeia (sempre a mesma insânia!) do despotismo russo, se puseram ao serviço do despotismo do seu país.

Parece-me isso suficiente para querer arrastar o proletariado italiano na luta fratricida e para renunciar á situação privilegiada dos revolucionários italianos, que podem conservar intactas as suas forças morais e materiais e, com os revolucionários dos outros países neutros e os que nos países beligerantes se mantem fiéis aos seus principios, salvar a causa da Internacional e da revolução europeia?

E depois, em suma, eu admittiria discutir a coisa se duma acção voluntária se tratasse. Mas, na Itália, os soldados são-no á força. Quererias tu obrigar o governo a ordenar aos cidadãos sujeitos ao serviço militar que vão para a guerra, ainda que isso repugne á sua consciência?

E como falar depois ainda contra o militarismo?

ENRICO MALATESTA

Nota da Red.— Encontrámos no *Reveil*, de 26 de Dezembro, esta carta a Mussolini, o qual abandonou o partido socialista e a direcção do *Avanti!* para fundar o *Popolo d'Italia*, favoravel á intervenção na guerra.

Confrontem-se estes argumentos com os do nosso artigo de 29 de Novembro, em resposta a Krapótkine.

Alguns nossos amigos dirão com ironia: *Les beaux esprits se rencontrent...* Mas não se trata aqui de pequenas vaidades, nem sequer de fortalecer os nossos raciocinios com os dum militante experimentado e de alto valor. Queremos apenas mostrar uma significativa concordância de argumentos, surgidos espontaneamente duma concordância de critérios—argumentos que, cremos nós, seriam os mesmos dos nossos camaradas (intervencionistas), se não tivessem perdido a bussola anarquista...

Alba sangrenta

A velha Europa, de norte a sul e do ocidente ao oriente, está conflagrada. Troam os canhões nos mares, na terra e nos ares, e ao ruído sinistro e tenebroso da metralha succedem os gemidos dos moribundos, os gritos de dor e as imprecações de ódio. E' a guerra...

A guerra que a burguesia preparava desde o dia em que a França foi vencida em Sedan; a guerra que o capitalismo temia e desejava ao mesmo tempo, contemporisando-a com a paz armada, e que não soube e não pôde evitar.

A burguesia de todos os países precisava da paz armada, de grandes exércitos, não tanto para fazer a guerra, que até os mais audaciosos temiam, mas para conter o proletariado nas suas justas reivindicações e aumentar desse modo os seus milhões. Precisava da paz armada para cultivar o sentimento artificial do patriotismo, e dividir assim os homens para melhor os explorar.

Temia e desejava a guerra; evitou-a com baixeiras e subtilezas diplomáticas, mas nunca foi capaz de chegar a um accordo para o desarmamento geral.

E a consequencia dos crimes que a burguesia cometeu nós a estamos presenciando.

A Austria, a Servia, a Rússia, a Alemanha, a França, a Belgica, a Inglaterra, o Montenegro, a Turquia e Portugal já estão lutando nos campos de batalha. A Holanda, a Itália, a Suécia, a Grécia, a Rumania e a Bulgária não tardarão a entrar na luta.

E as restantes nações europeas—Espanha, Dinamarca, Suecia e Noruega serão, fatalmente, arrastadas á guerra.

E, assim, veremos, dentro de poucos dias talvez, toda a Europa transformada num imenso campo de carnagem.

A burguesia, se lhe restasse ainda um pouco de consciencia, deveria ter agora horror da sua obra nefasta de destruição.

Mas não! Ela não sómente não se horrorisa do sangue que está derramando, como ainda procura aumentar os seus milhões.

Irmãs siameses, as burguesias de todos os países eram solidárias na obra nefasta que preparavam, e neste momento dolorosissimo que a humanidade atravessa nós vemos o procedimento que está tendo a burguesia da nossa terra.

Gente que veio do nada, sem educação e sem cultura, destituída completamente de senso moral a nossa burguesia que explora o comércio da alimentação, e que se enriqueceu falsificando todos os géneros susceptíveis de falsificação, quando não foi a base da sua fortuna a introdução de moeda falsa em circulação, quer agora, neste momento em que já ha lares sem pão, triplicar o preço dos géneros mais indispensaveis á vida.

Inconscientel... Como o clero e a nobressa de 1789, que no meio das suas orgias e dos seus gosos não ouviam o ruído sempre crescente da revolução que estalou em 14 de Julho, com a tomada da Bastilha, e que destruiu os seus privilégios, vai tambem a burguesia deixar-se surpreender pela revolução social, cuja aurora rubra é o sangue dos campos de batalha e cujo ruído é antecedido pelo troar dos canhões e o espoucar da fusilaria.

Dizia Zola, na questão Dreyfus: *La Vérité est en marche; rien l'arrêtera pas.*

Diremos nós: A Revolução Social está em marcha e não ha forças que a detenham no seu caminho.

A unica solução para o conflito das burguesias europeas é a revolução social, e o proletariado da Europa, consciente dos direitos e cansado da exploração capitalistica, vai dizer-lhes, no meio da luta: Basta! Basta de sangue! Basta de exploração!

E, nos campos de batalha, os soldados em luta voltando as armas contra os seus senhores e exploradores, arvorarão a bandeira Vermelha da Revolução Social, que é simbolo de paz e de amor entre os homens, e destruindo a ordem social burguesa estabelecerão sobre as suas ruínas fumegantes e ensanguentadas o regime comunista...

O proletariado de todo o mundo expropriará immediatamente a burguesia, organizando o trabalho e a produção.

C'est la lutte finale! como diz eloquentemente a vibrante canção revolucionaria—*a Internacional.*

Burgueses haverá que preferirão morrer abraçados aos seus cofres fortes com o dinheiro tornado inutil pela revolução a deixarem de ser parasitas sociais, empunhando um qualquer instrumento de trabalho honrado e productivo. Deixa-lo.

Os padres? Ah! não nos esqueçamos... Eles despirão a batina e hão de trabalhar, porque o vadio não tem direito á vida. Não serão mais instrumentos da mentira e da opressão; não serão mais carrascos da consciencia humana.

Os templos serão convertidos em casas de utilidade social; as religiões serão relegadas para o arquivo da história.

Tais as previsões que a conflagração europeia nos sugere.

Sejamos, pois, homens do nosso tempo e não nos deixemos surpreender pela história.

Rio de Janeiro

BENJAMIN MOTA.

Duas tendências

na luta anarquista

Não o dissimulemos, não vivamos de ilusões: o militarismo alemão é detestavel, de accordo, mas será melhor o militarismo dos outros países? Com ser menos despotico—coisa a averiguar—é sempre o militarismo, defensor confesso do Capital e das Igrejas de todos os cultos gerador dos conflitos armados entre povos e opressor da classe operária, e por todas essas razões válidas, nós, individuos conscientes, devemos combatê-lo com todas as nossas forças, por todos os meios.

Democratas, socialistas, sindicalistas e certos comunistas-anarquistas das nações beligerantes pensam e esperam (hipóteses...) que, uma vez terminada a guerra, a Paz benéfica há-de tornar a florir sobre a Terra sob forma de desarmamento gradual; que o patronato há-de ser mais sociavel, menos explorador para com os produtores, que os governantes, enfim, animados de sentimentos de cordialidade serão mais equitativos para com os governados, etc. Tudo isso são promessas, que o vento leva...

Camaradas há que taem censurado, a nosso ver justificadamente, a alguns anarquistas comunistas de renome o terem-se posto em opposição ás suas convicções com o seu apoio imprevisto em favor dos governos empenhados na guerra chamada de «libertação»; para dizer a verdade, há nisso, creio eu, duas atitudes inévitaveis em todas as doutrinas sociais e opiniões politicas, dado que é preciso ter em conta—pois que

existem—as diferenças de caracteres, temperamentos, situações pessoais também; e sendo embora partidários da mesma concepção, um orientar-se há para tal tática que elle julga superior e susceptivel de dar bons resultados, outro para outra diversa, segundo as suas afinidades e capacidade de luta.

Responder-me hão que quem se desvia da doutrina não deva proclamar-se anarquista, pois que do anarquismo se retira em parte. Isso é verdade, e a esse compete escolher outro leiteiro que precise exactamente as suas aspirações novas, afim de dissipar qualquer equívoco.

Deplo-ro esses desvios, pois seria preferível conservar na batalha social o mesmo conceito para exercer uma acção mais vasta; mas isso é inevitavel e outro remédio não há senão acomodarmos ao facto, de nada nos servindo as lamentações incessantes a tal respeito. Dir-me hão que é preciso correr com esses novos impostores (o palavrão é talvez excessivo). Quanto a mim, que não sou sectário, custa-me tomar partido declarado, pois acho que, até certo ponto, os anarquistas—«guerreiros» e os sindicalistas revolucionários *atenuam*—com a pena, a palavra e os actos—a corrente parieteira e militarista que envolve a Europa actual.

Os nossos camaradas doutrinários responderão ainda que não queremos saber duma *atenuação* do mal, visto desejarmos a sua *supressão completa*. E isso é verdade... embora ainda certos camaradas doutrinários exprimam a opinião de que a *supressão completa* só se pode dar *pouco a pouco*, isto é, começando por *atenuações* *succesivas*.

Mas se devo imparcialmente registrar as duas tendências em conflito, para a ideia interior é que irão moral e praticamente as minhas preferências, é ella que eu primeiro que tudo sustentaria.

HENRI ZISLY

Paris, Dezembro de 1914.

Nota da Red.—Publicamos com prazer este artigo que nos é enviado pelo camarada Zisly, embora não aceitemos completamente o modo como elle apresenta a questão.

Não se trata dum conflito entre «doutrinários» e «práticos», ou entre partidários da «supressão completa» e partidários das *atenuações* *succesivas*. Bastaria reparar em que ao doutriniário Krapótkine se opõe Malatesta, doutriniário, homem de acção e organizador como o nosso movimento não conhece outro depois de Bakunine, Malatesta, dotado de tam profundo sentimento das contingencias e do relativo.

Não há duas tendências. Há simplesmente que alguns camaradas abandonaram, ao menos momentaneamente, o método anarquista. E é o método que, mais do que a finalidade, forma e diferencia um partido ou movimento. Na luta actual, o anarquismo é sobretudo um método e pelo seu método é que elle tem sido caracterizado, na velha Internacional e depois. Finalidade anarquista, isso quem quer a tem. Falai com um vulgar politico, e elle vos dirá que é mais anarquista do que ninguém; e se lhe expozdes o vosso ideal numa sociedade anarquista, ouvirá-lhe pela crma: «Tu cá inda vou mais longe, mas...»

E nesse *mas* é que está o busilil. *Esse mas* refere-se ao *método*.

Uma partida

Em carta datada de 3 de Janeiro, participa-nos o sr. Manoel de Azevedo que desde essa data morreu para a propaganda e para o movimento anarquistas. Isto trocado em miudos quer dizer: este sujeito veio para as fileiras do anarquismo como os cães que vão á igreja: entrou, cheirou, alçou a perna, mijou e safu...

Boa viagem, saude, dinheiro... e mil felicidades. Que nós por cá irémos andando consoante pudermos...